



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA

ELIANDRA DE OLIVEIRA BEZERRA

EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL NA EDUCAÇÃO
INFANTIL - METODOLOGIA DE ENSINO

BRASILÉIA – AC

2018

ELIANDRA DE OLIVEIRA BEZERRA

**EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL NA EDUCAÇÃO
INFANTIL - METODOLOGIA DE ENSINO**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Educação – FE da Universidade de Brasília – UnB.

BRASILÉIA-AC

2018

BEZERRA, Eliandra de Oliveira. Educação Étnico-Racial na Educação Infantil – Metodologia de Ensino. Brasília – AC, Outubro de 2018. 50 Páginas. Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB.

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia

FE/UnB-UAB

ELIANDRA DE OLIVEIRA BEZERRA

**EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL NA EDUCAÇÃO
INFANTIL - METODOLOGIA DE ENSINO**

Monografia apresentada como requisito
parcial para obtenção do título de
Licenciada em Pedagogia pela
Faculdade de Educação – FE da
Universidade de Brasília – UnB.

Professor/a Orientador/a Dr. Francisco Thiago Silva
Membros da Banca Examinadora
a) Dra. Francisca Carla Santos Ferrer
b) Dra. Liliane Campos Machado

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar os resultados de estudo realizados em Instituição de Ensino Infantil do Município de Brasília-AC, com o intuito de identificar e compreender como estava sendo trabalhada a proposta de Educação Étnico-Racial na Educação Infantil, sobretudo, a concepção dos professores sobre a Educação Étnico-Racial, modo como a Educação Étnico-Racial é desenvolvida pela escola, e materiais utilizados nas aulas de educação Étnico-Racial, além de analisar o Projeto Político Pedagógico e projetos pedagógicos realizados pela escola. Para tanto tomou como objeto de estudo as práticas pedagógicas de cinco professoras, bem como plano didático da Coordenadora Pedagógica, que orientam-se com base no que diz as Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, conforme Lei 10.639/03, que prevê trabalhar as questões étnico-raciais como estratégia de ensino, incorporando nas crianças atitudes de aceitação do outro a partir das diferenças, acreditando em suas potencialidades e respeitando seus ritmos e desejos. Sendo a Educação Infantil a primeira etapa da educação da criança, a inserção dessa temática desde os anos iniciais possibilitará a assimilação dos conteúdos com a prática, levando-as a desenvolver habilidades de conviver com as diferenças, sem preconceito ou discriminação. Esse estudo pode ser definido como uma Pesquisa Descritiva - que se preocupa com a atuação prática, estudando e analisando com base no registro e interpretação dos fatos do mundo físico sem interferência ou manipulação destes. Esperamos contribuir mostrando a importância de trabalhar a temática em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVES: Educação infantil, Educação Étnico-Racial, Aceitação, Preconceito, Práticas Pedagógicas.

ABSTRACT

This study aims to present the results of a study carried out in a Children's Institution of the Municipality of Brasília-AC, in order to identify and understand how the proposal of Ethnic-Racial Education in Child Education was being worked out, above all, the conception of teachers on Ethnic Racial Education, how Ethnic Racial Education is developed by the school, and materials used in Ethnic Racial Education classes, as well as analyzing the Political Pedagogical Project and pedagogical projects carried out by the school. In order to do so, she took as object of study the pedagogical practices of five teachers, as well as didactic plan of the Pedagogical Coordinator, which are guided by the National Curricular Guidelines for the Education of Ethnic-Racial Relations and for the Teaching of History and Afro-Brazilian and African Culture, according to Law 10.639 / 03, which aims to work ethno-racial issues as a teaching strategy, incorporating in children attitudes of acceptance of the other from differences, believing in their potentialities and respecting their rhythms and desires. Since Early Childhood Education is the first step in the education of children, insertion of this theme from the earliest years will make it possible to assimilate contents with practice, leading them to develop skills of living with differences without prejudice or discrimination. This study can be defined as a Descriptive Research - which is concerned with practical action, studying and analyzing based on the record and interpretation of the facts of the physical world without interference or manipulation of these. We hope to contribute by showing the importance of working on the theme in the classroom.

KEYWORDS: Children's Education, Ethnic-Racial Education, Acceptance, Prejudice, Pedagogical Practices.

SUMÁRIO

1.	1ª PARTE: MEMORIAL EDUCATIVO.....	8
2.	2ª PARTE: TRABALHO MONOGRÁFICO	12
2.1	INTRODUÇÃO.....	12
2.2	CAPITULO I	15
2.2.1	BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO PELO MUNDO.....	15
2.2.2	A EDUCAÇÃO NO CENÁRIO BRASILEIRO.....	16
2.2.3	O POSITIVISMO E A EDUCAÇÃO NA PRIMEIRA REPÚBLICA.....	18
2.2.4	TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL BRASILEIRA.....	19
2.3	CAPITULO II	22
2.3.1	ETNICIDADE-RACIAL NO CONTEXTO EDUCACIONAL.....	22
2.3.2	O PROFESSOR ALÉM DO MEDIADOR.....	26
2.3.3	ETNICIDADE: AUTO IDENTIDADE DA INFÂNCIA PARA A VIDA.....	29
2.3.4	ETNICIDADE: EDUCANDO PARA O FUTURO.....	31
2.4	CAPÍTULO III	34
2.4.1	A PESQUISA: PRÁTICA E AÇÃO.....	34
2.4.2	CENÁRIO DA PESQUISA: APRESENTANDO E.M.E.I. MENINO JESUS..	35
2.4.3	RELATOS DE EXPERIÊNCIA: UMA EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL....	37
2.4.4	A ATUAÇÃO: OS DADOS EM NÚMEROS.....	37
2.4.5	ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	44
2.5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
2.6	REFERÊNCIAS.....	48
3.	3ª PARTE:PERSPECTIVAS PROFISSIONA.....	50

1. 1ª PARTE- MEMORIAL EDUCATIVO

Sou Eliandra, nasci e cresci na área rural, em meio familiar muito harmonioso com pais presentes. Embora não tivessem estudado, sempre fizeram questão que eu e meus irmãos estudássemos e constituíssemos algo na vida. Sou solteira, não tenho filhos. Já trabalhei durante um período com a área educacional, atuava como monitora em uma escola de ensino fundamental com o projeto “Mais Educação”. Atualmente trabalho fazendo bombons trufados, é um meio que encontrei para adquirir alguma renda sem prejudicar a continuação dos meus estudos.

Meus estudos se deram na rede pública, com dificuldade devido à locomoção, consegui com êxito concluir o ensino fundamental e médio. Como qualquer pessoa que tem seus sonhos, o meu nunca foi fazer faculdade e ter nível superior. Sempre tive vontade de ter meu próprio negócio, meu próprio investimento, um empreendedorismo que me trouxesse renda sem ter que trabalhar para ninguém.

Durante muito tempo, selecionava mentalmente as possibilidades de formação, mas nunca chegava à conclusão de nenhum curso que me agradasse. Medicina não, Engenharias não, Veterinária não, Direito não e Pedagogia, muito pior ainda.

Mas a vida nos reservam surpresas. Às vezes escolhemos algo, e às vezes algo nos escolhe. Nunca gostei do termo “professor”. Sempre tive pavor imaginar ir trabalhar em sala de aula. Por arte do destino, fui aconselhada a fazer uma prova, se passasse faria faculdade de graça. Fiz a matrícula sem nenhuma base. Não conhecia o curso para o qual iria fazer a prova, nem imaginava como seria a modalidade.

Ainda assim, fiz o vestibular e fui aprovada. Iniciei ouvindo o que era o curso, do que se tratava, como funcionava, fiquei sabendo que seria *online*, até então nem sabia ligar um computador, mas tive de aprender a me virar sozinha. E aos poucos fui mudando a visão que em outro tempo achava que o curso de Pedagogia, tratava, basicamente, de ser professor. Detestei a ideia, mas fui em frente.

Ampliei minha visão, fui vendo que não consistia em apenas ser professor e trabalhar em sala de aula. Na verdade, consiste em uma grande área que abrange várias outras funções e, sobretudo, não apenas ensinar, mas como ensinar.

E no decorrer do curso, fui mudando minha visão. Como se diz, na prática é que tive convicção do verdadeiro significado de Pedagogia. Ser pedagogo exigiria de mim “vocação” com crianças, mas como podia eu ter vocação com crianças se nunca gostei

de ter contato com elas e, tampouco me ocorria à imaginação de um dia ter filhos pelo fato da ideia de ter crianças a minha volta me apavora? Essa pergunta só me foi respondida com o meu amadurecimento. Tive de aprender que um dia eu também já fui criança. Busquei na mente inúmeras situações que enfrentei na infância para então ter noção de que a criança é um ser humano em desenvolvimento, que não tem culpa de seus atos espontâneos e que acima de tudo demanda cuidados, carinho, atenção, muito amor e educação.

Até aí eu compreendia que não era tão impossível assim como imaginava amar, educar e cuidar de uma criança. Passei até cogitar a hipótese de ao final do curso engravidar, mas a questão de ensinar ainda me assustava.

O curso no todo é muito significativo. Os conteúdos abriram minha mente, e no mesmo instante fechava de modo que não conseguia absolvê-los já que se tratava de algo tão incomum para mim, que dificultava o meu aprendizado.

Com isso, inúmeras vezes vieram o aborrecimento e estresse, junto com problemas pessoais, problemas do dia a dia, no trabalho, na família, numa sobrecarga que minha mente gritava *“desiste, desiste logo, tu é fraca e não vai conseguir”*.

Enfim, a perseverança falou mais alto, e no final das contas, olha onde consegui chegar, na reta final. E o curso num todo está sendo uma realidade bem diferente da minha e bem distinta do que eu imaginava. Os semestres iam chegando e vinham como surpresas em suas disciplinas: na educação especial aprendi a entender e respeitar as diferenças; em educação ambiental aprendi a importância do ensino do meio ambiente para as gerações futuras; na administração das organizações educativas, aprendi o processo de organizar e administrar o sistema educacional; e em todas as disciplinas de projeto vistas até o momento, aprendi na prática em sala de aula como será no futuro a minha atuação.

No Projeto 1, por exemplo, tive a oportunidade de compreender a luta da educação para se consolidar como importante e de direito a todos, como nos foi mostrado no decorrer da disciplina, aonde vimos muitos assuntos, e vários conteúdos, dentre eles, conteúdos relacionados a esse percurso de lutas, onde não eram aceitos inovações na modalidade, nem a filosofia de Aristóteles que partia do princípio do riso era aceita, em uma época do surgimento do pensamento crítico que se formava nas universidades emergentes, pondo em questão a versão estritamente teológica do mundo que, até então, predominava a Igreja Católica e seus ensinamentos religiosos.

No Projeto 2, ficou evidente a importância do professor para com a educação. Há bons professores, outros nem tanto. Acima de tudo as vertentes que um professor deve carregar em si mesmo são pequenos gestos, mas que bem aplicados podem fazer grandes diferenças. O educador precisa saber estimular os alunos, tendo sempre domínio de classe. Saber de forma simples e educada impor limites aos seus alunos, em relação ao comportamento. Comportamento esse que deve ser corrigido para um convívio em sociedade amigável, e que muitas vezes se dá por meio da própria comunidade em que vivem incluindo regras, valores, crenças, e a cultura no geral. O educador pode ainda tentar estimular os alunos a buscarem o que querem aprender, usando a curiosidade e o desejo em interesses profundos. Muitas vezes a relação entre ensino e educação se confunde. Muitos acham que a educação é de total responsabilidade do professor e da escola. E surge o questionamento será a escola lugar de ensino ou educação. E neste sentido, pode-se dizer que a escola é um lugar de ensino e educação, pois ambos caminham juntos. Os valores repassados em sala de aula e a troca de experiência entre aluno e mestre, ensinam que é necessário ser educado, e essas regras da sala de aula prepara o indivíduo para o meio social. Desta forma a convivência traz à tona a educação, e os conteúdos didáticos que o professor aplica, torna-se o ensino.

No Projeto 3, fases 1 e 2, aprendi como se dá o processo de avaliação institucional por meio de entrevistas aplicada a membros de Escolas Municipais, onde vi que as avaliações são contínuas e indispensáveis para o desenvolvimento do trabalho pedagógico, por se tratarem de uma verificação dos resultados de ações direcionadas ao cumprimento de objetivos previamente planejados. A partir da avaliação externa e da aprendizagem é possível verificar o erro, e com isso se auto avaliar e ver onde esse erro está sendo cometido, em qual método, qual ação está deixando a desejar, para então se alcançar os resultados esperados. E as avaliações internas são próprias do cotidiano das salas de aula geralmente provas elaboradas por professores de cada turma/área, aplicadas em diversos períodos. São diagnósticos destinados a auxiliar os professores na readaptação do ensino de acordo com o acompanhamento dos alunos; estas, e outras modalidades de avaliação interna são essenciais para o desenvolvimento contínuo do trabalho pedagógico, por avaliarem especificamente domínio de conteúdos curriculares e progresso da aprendizagem no âmbito da sala de aula.

Com a continuação de Projeto 3, fase 2, tive convicção do que se trata o PPP (Projeto Político Pedagógico) que é um instrumento dinamizador do espaço escolar, que

possibilita um contexto desafiador, que busca engrandecer a tarefa da escola em oferecer uma educação verdadeiramente de qualidade. Com um olhar investigativo para seu funcionamento e organização, o documento busca resignificar o espaço escolar de forma participativa, crítica e reflexiva estabelecendo metas e objetivos que crie melhores condições de igualdade para todos, respeitando a singularidade e reconhecendo os diferentes caminhos percorridos pelos educandos na construção de conhecimentos que lhes permitam exercer sua cidadania com autonomia.

De todo o trajeto traçado até o momento, dentre os componentes de Projeto, o que mais tive dificuldade foi em Projeto 3 fase 2. Por tratar do PPP, um assunto minucioso, que demanda atenção, e muito comprometimento para entender em que consiste a sua base.

Em projeto 4, consegui me desenvolver melhor nos assuntos por se tratar da prática pedagógica, nas quais realizamos nosso projeto de intervenção. Em um contexto geral, a questão da flexibilidade em relação à observação e à intervenção, possibilitou maior aprendizado sobre os recursos que devemos utilizar, as práticas que devemos desempenhar, o cuidado com o modo de falar por se tratar de crianças abaixo de 6 anos e, sobretudo, a forma de ensinar, já que cada aluno tem o seu tempo. E na segunda fase do Projeto 4, foi também prazeroso por se tratar da atuação na coordenação pedagógica.

2. 2ª PARTE: TRABALHO MONOGRÁFICO

2.1INTRODUÇÃO

A questão racial é oriunda do período colonial, onde negros e índios eram escravizados, explorados com a sua mão de obra, sob a justificativa de que eram de uma raça insignificante, tudo partindo de uma visão discriminatória. Daí em diante, criou-se um “pré-conceito” onde esses indivíduos deveriam sempre se manter na camada mais baixa da sociedade, com menos ou com nenhum direito a saúde, renda e educação. Embora, diga-se de passagem, que o conceito de raça imposto pela sociedade, é um termo sem finalidades biológicas, já que pela ciência existe apenas a raça humana, e não varias raças humanas.

Daí, a educação infantil deve ser pensada com maior amplitude, visando atingir não somente o patamar de qualidade no que diz respeito ao ensino em relação a ler e escrever, mas também no comprometimento para formação de crianças que virão a se tornar cidadãos conscientes, seres plenos e pensantes. Nesse contexto, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana estabelece a obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-brasileira, destinado a todos os níveis de ensino, incluindo, nesse contexto, os estabelecimentos de Ensino Infantil, visando assegurar a partir desses direitos expostos nas Diretrizes, o incentivo ao reconhecimento e valorização, bem como o respeito às pessoas negras.

Considerando nossa população que é formada por uma massa de vários povos, vemos, na grande maioria, a negação sobre a existência de preconceito e racismo. Havendo então a falta de admissão sobre um problema tão visível, é preocupante imaginar como adultos estão constituindo família e criando seus filhos baseados em um princípio que os cega da verdade. Provavelmente essas crianças estão sendo educadas seguindo a mesma linha de raciocínio de seus pais.

O que sabemos é que as crianças são seres puros e em pleno desenvolvimento passivos de adquirir qualquer informação independentemente do conteúdo. Sendo mal orientadas, as crianças podem, inconscientemente, agir com preconceito com seus colegas ou com qualquer outro indivíduo.

No caso da Educação Infantil, desenvolver atividades voltadas para a valorização da cultura afro-brasileira ajudaria às crianças a reconhecerem e

identificarem a diferença racial como herança africana, além da promoção da igualdade, aceitação da diversidade e combate ao preconceito. Eis a razão pela qual a educação étnico-racial é de grande importância, sobretudo, de inserção desde os anos iniciais da educação básica.

Diante disso o presente trabalho tem como finalidade observar como as professoras juntamente à instituição de ensino infantil de Brasília-Ac estão trabalhando a história e cultura afro-brasileira, bem como a relação das crianças com o tema a partir de colegas e pessoas negras.

A escolha do tema se deu, principalmente, pelo motivo da nossa vasta diversidade étnico-racial. Outro aspecto que motivou o estudo do tema foi à questão da precariedade da educação no Brasil, sobretudo, questões raciais que diariamente são negligenciadas. Com isso, a curiosidade era de perceber o desenvolvimento dos trabalhos voltados a etnicidade em uma instituição pertencente a uma região acreana que não disponibiliza de muitos recursos didáticos. O foco principal é evidenciar a metodologia de ensino adotada na escola, instigando a falta ou não de investimentos na educação.

A pesquisa pode ser considerada analítica descritiva com abordagem qualitativa, apoiada na Pesquisa Bibliográfica e Documental. Objetivando aprofundar o conhecimento e descrever a situação existente, tomamos como base para a pesquisa Bibliográfica, teóricos que tratam as questões mais relativas do assunto, tais como: PEREIRA, ROSA, VASCONCELLOS (2016), GOMES (2003), além de outros. Na pesquisa Documental, dedicamos olhares aos documentos que orientam a inserção do tema sobre etnicidade na Educação Básica, a ver: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Parâmetros Nacionais de Qualidade para a educação Infantil, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, entre outros.

Para levantamento dos dados, foi utilizada observação participante em sala de aula da escola de Brasília-Ac que oferece Educação Infantil, posteriormente, aplicado questionário aberto às professoras bem como Coordenadora Pedagógica, finalizando a entrevista informal.

Para melhor apresentar os resultados obtidos com a realização desse estudo dividimos o trabalho em três capítulos: 1º capítulo traz um breve relato sobre a trajetória da educação. O 2º capítulo trata da diversidade como parte integrante da vida. E o 3º

capítulo traz a metodologia e tipologia da pesquisa, procedimentos utilizados e resultados obtidos.

Um trabalho de grande relevância que pretende mostrar os trabalhos de história e cultura afro-brasileira em sala de aula na instituição de educação infantil, com intuito de revelar a importância de aprendizado significativo direcionado às crianças para reconhecer as diferenças do outro, basicamente buscar saber: porque educar para as relações étnico-raciais?

2.2.1 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO PELO MUNDO

Durante a Grécia Antiga, a educação não era apenas constituída na escola, ela poderia ser aprendida nas praticas humanas, uma vez que as pessoas aprendiam olhando uns aos outros ou ouvindo as pessoas mais sábias. O dialogo era de relevante importância para a educação da criança, mas a educação também era centrada no aprendizado da Filosofia, para a construção moral do indivíduo. Todos acreditavam que a educação era capaz de transformar o mundo seja ela pela filosofia ou pelo dialogo ou pela escola.

Plutarco acreditava que um homem educado poderia contribuir para o progresso da ciência e da sociedade mesmo sem exercer qualquer função política, portando apenas o conhecimento adquirido em um processo educacional. Isso reflete na nossa educação até os dias atuais, pois também acreditamos que somente a educação pode transformar uma sociedade ou um país. Pessoas bem educadas são mais inteiradas sobre seus direitos e alcançam mais conquistas profissionais e pessoais.

Percorrendo o caminho da Educação infantil, temos em mão uma trajetória de lutas pela igualdade, no direito das crianças frequentarem creches e jardins de infância, e na melhoria na qualidade do ensino, que também sempre foi algo muito cogitado.

O processo do ensino infantil tanto no Brasil, quanto no restante do mundo sofreu grandes repressões até chegar ao ensino que temos hoje. De inicio o ensino infantil era de dever da família, no entanto com o surgimento de crianças filhas de mães solteiras, crianças doentes, ou aquelas mais pobres, viram a necessidade de criar um espaço para acolher estas.

O período Feudal era regido pelo monarquismo que era considerado responsável pela educação moral, ou seja, as pessoas eram instruídas a guerrilhar e a serem violentas. Deste modo, as crianças da época não recebiam educação escolar, pois muitas eram abandonadas e desprezadas por suas famílias. Contudo a tradição cristã abriu espaço para essas crianças rejeitadas, abrigando-as, alimentando-as e educando-as em mosteiros. Assim a escolástica era tida como educação disciplinar intelectual. Apesar do acolhimento que os monges ofereciam às crianças, os ensinamentos que transmitiam eram apenas relacionados á religiosidade e fé.

Na Idade Média e Moderna foram criados cilindros ociosos onde as crianças eram colocadas e abandonadas próximas aos muros de hospitais de caridade e Igrejas. No Renascimento, o desenvolvimento científico e a expansão comercial, dentre outras atividades, favoreceram para que a forma de como as crianças fossem vistas aos poucos se modificasse, surgindo assim uma nova visão de como deveria ser educada. Foi incorporada nesse período a criação de escolas destinadas à educação de conteúdos mais específicos, confrontando assim a igreja. Com isso surgiu a literatura romancista, onde passaram a escrever romances com criação de personagens como cavaleiros e imaginários medievais.

COMENIO (1592-1670 apud OLIVEIRA) um dos primeiros defensores da universalização da educação, aproximadamente em 1637, deu grande impulso para que houvesse mais valorização da criança e, sobretudo, para que a educação oferecida a essa fosse levada mais a sério, e que se esta fosse bem efetuada, bastaria para o desenvolvimento do lado racional. E tudo isso apresentou em um plano de aula que elaborou, onde recomendava que as crianças pequenas deveriam ser ensinadas com a utilização de materiais audiovisuais, como livros e imagens.

2.2.2 A EDUCAÇÃO NO CENÁRIO BRASILEIRO

No período da colonização do Brasil, temos duas figuras importantíssimas desse processo. Primeiramente os colonizadores, que chegaram de navio, vestidos com roupas que os cobriam dos pés à cabeça, eram na maioria de pele branca, alguns robustos, mas que vinham em busca de um só objetivo, as riquezas desta terra. Os colonizadores eram acumuladores de fortuna, e viajavam meses e meses, passavam por grandes dificuldades, até encontrarem algum lugar que lhes oferecesse recursos suficientes para serem trocados por dinheiro em sua terra natal. Tudo isso para movimentar os lucros do mercado.

Outra figura importante é a dos índios, que na terra cheia de riquezas já habitava. Sem vestimentas, nus, todos juntos homens e mulheres, sem nenhum preconceito, ou melhor, sem nenhuma vergonha. Utilizavam lanças para caçar e se defender e sobreviviam apenas com todos os recursos que a natureza os oferecia, não tinham luxo, muito menos acumulavam riquezas. Não que eles não as desejassem, mas as queriam apenas para o básico, para a vida cotidiana, pois o pouco lhes era suficiente.

Todas essas características tiveram influencia no processo de aprendizagem por causa da diferença. Um, totalmente civilizado, e o outro totalmente selvagem. Mas apesar da civilização, os colonizadores não se importaram em se amistar para em seguida explorá-los, que estes apesar de serem selvagens, eram ingênuos, não viam maldade, e levados pela curiosidade permitiram tal aproximação. Então, mundos totalmente opostos, fizeram com que houvesse a troca de conhecimentos.

No processo de colonização, os padres jesuítas tinham a função de catequizar os índios, pregar-lhes a religião, o que faria com que aumentasse o número de fieis à igreja, e com isso também aumentaria o seu poder. Entretanto, fez-se necessário antes de tudo, que se ensinassem aos índios a língua portuguesa, para que assim pudessem realizar leituras de trechos bíblicos. Foi assim então que ensinamentos educacionais e culturais passaram a ser de responsabilidade dos jesuítas.

No entanto, em 1750, quando Marques de Pombal assume ao cargo de ministro da fazenda do rei D. José I, ocorre à expulsão dos jesuítas do Brasil, com a alegação de que eram necessárias reformas em todas as áreas da sociedade portuguesa. E uma delas findou por atingir a área educacional, que era de responsabilidade dos mesmos, com a alegação de que a educação precisava ser renovada. No entanto, o real motivo da expulsão dos jesuítas, se deu por que os estes representavam uma ameaça ao poder absoluto do rei, por serem uma poderosa e eficiente congregação religiosa.

Com a Vinda de D. João VI para o Brasil, houve grandes mudanças na estrutura da colônia tanto econômica, como também cultural e educacional. Isso porque com a sua chega e instalação no Brasil, houve a necessidade de estabelecer alguns órgãos de suma importância para o bom funcionamento do governo, e entre tantos se criou o Banco do Brasil e a Casa da Moeda. No campo educacional, criaram-se academias como a Academia Militar, academia da Marinha, Colégio de Medicina e cirurgia, etc. E culturalmente, surgiu o Museu Nacional, O Observatório Astronômico e a Biblioteca Real.

Entretanto, muitas pessoas ainda não podiam usufruir da educação, como os escravos por exemplo. Deles era valorizada apenas o conhecimento da força bruta, força mental não importava. Outro ponto negativo foi que se cravou uma guerra contra Napoleão, e com isso as pessoas sofriam muito, além do que muitas já estavam desabrigadas por terem que ceder suas residências a coroa e todos que vieram consigo.

A educação neste período, como já citado, era através das Academias, que assim instituía uma educação profissionalizante, entretanto a educação inicial do letramento e

alfabetização era dispensada. Basicamente, era uma alteração na ordem dos fatores, em vista da organização do processo educacional que temos hoje.

Nesse período a organização da educação se dava de modo que foi delimitada uma divisão que possibilitava apenas as pessoas livres e vacinadas, sendo assim a população a ser educada constituída pelos homens livres e sadios.

A educação das camadas mais pobres era quase que inexistente, entretanto, havia projetos que visavam educação pública para os homens livres e pobres, e com a aprovação de tal, houve a pregação da transição dos escravos para homens livres. Deste modo com a padronização da instituição primária, foi possível estabelecer acesso ao ensino para imigrantes, meninas e a população pobre, com o princípio de liberdade de ensino partido do próprio Império.

E deste modo não poderia um sistema escolar de Estado ofertar ensino para uma minoria por puro privilégio econômico. Entrando em ação os pioneiros da educação, movimento formado por intelectuais que entre eles estava Anísio Teixeira, em busca de melhorias neste quadro, reivindicando alterações na organização da sociedade brasileira do ponto de vista educacional.

Reconhecido como Revolução de 30, provocou na área educacional uma renovação, além de provar a desorganização em que se encontrava, exigia que a educação devesse partir do princípio de escola única, pública e gratuita, laica e obrigatória.

Dentre os obstáculos enfrentados pelos pioneiros, havia a forte crítica da igreja católica, que naquela situação era forte concorrente do Estado, na tentativa de se tornar o principal órgão a educar a população.

2.2.3 O POSITIVISMO E A EDUCAÇÃO NA PRIMEIRA REPÚBLICA

O positivismo foi um sistema criado por Auguste Comte, com a proposta de ordenar as ciências experimentais, tendo por modelo de excelência o conhecimento humano, receptivamente bem aceito no Brasil, em virtude do momento em que se encontrava, onde se estabelecia o fim da monarquia e o início da República, abolição da escravidão, ascensão da economia de novas elites ligadas ao café entre outros, o que materializou uma enorme influência do Positivismo de Comte tanto em correntes de

pensamentos relacionadas com a reflexão sobre o desenvolvimento do país, quanto no movimento republicano e reformas educacionais da Primeira República.

O positivismo passou a ser visto como uma chave de acesso à modernidade, com propósito de uma democracia por meio de subordinação consciente que vieram para uma hierarquia administrativa capaz de vencer os estragos encaminhando, diga-se de passagem, a um possível progresso.

Os positivistas entendiam que embora houvesse universidades renomeadas, o ensino mantido pelo Estado seria controlado e censurado pelo poder político dificultando as pesquisas livres. E assim foram criadas pelo Brasil universidades bem conceituadas que defendiam a importância das ciências exatas e naturais que era o modelo de pensamento de Comte, além disso, também era de suas defesas projetos de transformação social que fossem capazes de recuperar o Brasil retirando-o do atraso em que se encontrava.

Algumas das transformações que se destacam estão relacionadas à educação, como o ensino secundário que no Rio de Janeiro e Distrito Federal adquiriu sentido de educação educativa em si mesmo; alteração do currículo, estruturando-o com uma parte de ciências fundamentais, a partir da ordem lógica proposta por Comte; Afirmava-se o aspecto físico, estético e moral da aprendizagem (em disciplinas como ginástica, música, desenho e moral), como também a preocupação com o desenvolvimento de uma compreensão das dinâmicas sociais (além de História Universal e do Brasil, havia ainda Sociologia, Direito Pátrio e Economia Política), entre outras.

Assim, embora Comte tenha idealizado as mudanças do país através do positivismo, esse fenômeno de investigação por meio das ciências e racionalidade já eram propostas de pensamento 200 anos antes do nascimento de Comte, mas o que vale é o que ele fez e que ficou como parte de uma transformação do Brasil.

2.2.4 TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL BRASILEIRA

O Brasil teve sua trajetória de descobrimento, que marca os dias de hoje com comemorações de independência, algo que não pode cair no esquecimento. A trajetória da educação infantil também deve ser lembrada, iniciada nos finais dos anos de 1900,

durante o regime militar, basicamente em 1988 na Constituição que se define a nova fase, onde as creches e pré-escolas passaram a ser parte do sistema educacional.

Mas alguns problemas se concentravam na área educacional infantil, com a precariedade em atender as crianças pobres. Logo se via uma necessidade em se dividir a educação infantil por faixa etária, ficando as creches destinadas às crianças de 0 a 3 anos, e as pré-escolas para 4 a 6 anos. Esse período foi marcado por um lento processo de expansão.

No período de início do século XX, formas de visualizar lucros modificaram a forma como eram vistas as crianças pobres, e estas passaram a ter direito a frequentar as instituições, tudo isso por que a educação assistencialista promovia uma pedagogia de submissão, que pretendia preparar os pobres para a exploração.

A criação do Departamento de Cultura possibilitou que se criasse uma instituição que reunisse todos os segmentos, por meio da Divisão de Educação e Recreio.

Mas um dos grandes marcos da educação infantil brasileira se deu através do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, com o intuito de oferecer educação e assistência física e psíquica as crianças na idade pré-escolar. Assim, inicia-se um novo dilema voltado para a Educação infantil, a qualidade da prestação de serviços dos funcionários encarregados de atender estas crianças.

Por assim se dizer, Maria de Fátima Guerra de Sousa, aponta vários questionamentos em relação aos dilemas e dificuldades vividos por professores, coordenadores ou supervisores pedagógicos da educação infantil. Qual o melhor método de ensino, se pode isso ou aquilo, desenho ou escrita, e muitos outros questionamentos do ambiente escolar que rodeiam o principal objetivo, para se chegar ao ponto base, ou seja, a qualidade. Entretanto a qualidade que se refere ao desenvolvimento humano e à vida, dentro de uma instituição de ensino não depende simplesmente dos funcionários desse ambiente de ensino, também depende do comprometimento e participação dos pais, familiares, e a comunidade num geral. Aos pais cabe à responsabilidade de acompanhar o desenvolvimento e comportamento dos filhos, como também deve levantar questionamentos sobre o local de escolha para matrícula do filho, se os espaços são suficiente, adequado, alimentação, higiene, tipos de materiais utilizados, estratégias, etc.

Mas para amenizar a situação, os Parâmetros Nacionais de Qualidade oferecem justamente as possíveis soluções para essas dificuldades, porque ele estabelece padrões

de referencias que servem como orientações para o sistema educacional em relação ao funcionamento e organização das instituições de ensino infantil. Dentro dos parâmetros, existem desdobramentos, como os indicadores de qualidade, que permitem que sejam criados instrumentos para a elaboração de diagnósticos, que tem por finalidade estabelecer os requisitos necessários para uma Educação Infantil onde possibilite ser desenvolvido na criança aspectos intelectual, físico, psicológico e social.

Ainda sobre os Parâmetros Nacionais de Qualidade, as instituições devem ter uma proposta pedagógica que contemplem princípios éticos ao que se refere à progressão da autonomia, responsabilidade e solidariedade da criança ao bem comum, políticos em relação ao exercício progressivo dos direitos e deveres da cidadania e, estéticos relacionados ao exercício progressivo da sensibilidade, criatividade, ludicidade e diversidade de manifestações artísticas e culturais. É notável que seu principal objetivo seja articular os princípios e fundamentos da educação na idade infantil, ou seja, o de juntar pontos que se encaixem sem deixar lacunas entre a educação infantil sendo a primeira etapa da educação básica; a criança como ser histórico e de direito capaz de exercer vivências e construir identidades; o currículo, sendo o conjunto de práticas que norteará as experiências e os saberes da criança; e a proposta pedagógica, sendo esta a orientadora das ações da instituição a qual a criança está inserida tomará.

Com isso, incluir nessa grade curricular conteúdos diversificados com proposta voltada a atender as necessidades de se constituir indivíduos pensantes, ativos e conscientes sobre sua posição e a posição do outro como membro influente na sociedade é de grande importância, principalmente, incluir conteúdos relacionados às vivências, instintivamente e consequentemente culturais. Para tanto, é viável incluir no currículo a questão étnico-racial para provimento da capacidade de auto relacionamento e convivência saudável com a comunidade.

2.3.1 ETNICIDADE-RACIAL NO CONTEXTO EDUCACIONAL

O Brasil é um país de traços característicos, de cultura bem definida, de aspectos únicos que o diferencia dos demais países. Pelo clima, capaz de atender aos mais distintos gostos com nossas regiões que apresentam temperaturas altas e baixas, com regiões de praias, com mato serrado, com o pantanal, com a floresta Amazônica, com a caatinga. Regiões estas que possuem diversidade em suas atividades de turismo, assim por se dizer, capaz de abranger uma quantidade enorme de entretenimento oferecido ao seu público e aos seus visitantes.

Possuidor de uma cultura miscigenada, o Brasil é um país reconhecido no exterior por oferecer uma das maiores festas da sua tradição, o carnaval. Festa típica realizada no segundo mês do ano, ganha telespectadores em uma quantidade cada vez maior a cada ano que se passa, vindos de outros países, mostrando que uma nação composta por diferentes costumes, ainda consegue manter esse festejo vivo em suas tradições, deixando evidente a importância da diversificação na composição da massa populacional do território.

Um ponto negativo que desvaloriza a presença de visitantes ao país, é a violência, que finda por acarretar medo aos turistas, receosos pela falta de segurança pública.

Mas o xis da questão que aqui se quer chegar, para que possamos conversar, é a diversidade que compõem essa nação. Um país com traços característicos culturais tão bem definidos, capaz de disponibilizar uma série de atributos pela sua composição, tem uma origem específica.

Precisamos lembrar os personagens principais, diga-se de passagem, responsáveis por essa caracterização. Relembrando superficialmente, temos convicção de que no período colonial, às Terras desconhecidas onde já habitavam os índios, chegaram os portugueses, os negros (que apesar de terem feito tal viagem a contragosto, hoje possuem papéis importantíssimos na história da colonização do Brasil), os espanhóis, os ingleses, e muitos outros, por conseguinte.

Portugueses, índios, negros, espanhóis, ingleses... Povos diferentes, de diferentes costumes, de diferentes culturas, que compuseram um país único.

Um país único, exceto pelo fato de tal individualidade de seu povo. Talvez por apresentar uma diversificação de etnias na composição de sua massa, a sociedade em si, é detentora de uma idealização de que cada indivíduo descendente de determinado povo tem menos valor ou menos importância do que o outro, criando uma espécie de desfavorecimento. Mas o que intriga é que sempre a exclusão recai sobre pessoas de pele escura, no português claro, os negros. Talvez esse conceito tenha origem ainda no período de colonização do Brasil, onde os colonizadores defendiam a ideia de que somente seu modo de vida, sua crença, sua cultura num modo geral, é que era considerado aceitável.

Com isso, algumas escolas criadas na época, não tinham a função de educar transmitindo saberes e aprendizagem, mas sim a função de trazer para dentro do âmbito escolar as crianças filhas dos índios. Tudo isso com a ideia de padronização, numa tentativa de introduzir a cultura europeia no modo de vida dos nativos. Daí pode-se dizer que teve segmento a questão de desigualdade racial.

Hoje vemos uma luta pela a igualdade de direitos. Direito a educação, direito ao trabalho digno, à saúde, à participação ativa na sociedade. Porém essa luta vem de um cenário anterior, de tempos atrás, em um período em que nem se pensavam em lutar pela igualdade. E sempre o assunto girando em torno do negro e do índio que foram explorados com a sua mão de obra, sob a justificativa de que eram de uma raça insignificante, tudo partindo de uma visão discriminatória.

A questão é que tal definição valendo-se apenas da etnia não basta para dizer que alguém é de baixa insignificância. Na verdade este conceito valendo-se apenas da cor da pele, nunca foi critério para designar rotulações a nenhum indivíduo, ainda mais a partir do seu modo de vida. O que ainda pode-se levar em consideração à uma breve rejeição do indivíduo na sociedade é o seu caráter, este sim, se pensarmos por um ângulo, deve ser considerado, pois ao que nos cabe ver, pode ocorrer de um cidadão de pele escura ser mais honesto do que um de pele clara, um pobre ser mais honesto do que um rico, vice e versa, e assim por diante.

Mas não é assim que todos pensam. Somente com dados estatísticos estatais e privados, o Brasil ficou a par da situação de desigualdade entre negros e brancos em

todas as esferas da vida social no país (Santos, 2011), necessitando-se assim, de ações das políticas públicas para reverter o quadro de variações que indicam a presença da desigualdade social na renda, educação e saúde da população brasileira.

Essa indiferença evidente na qualidade de prestação de serviços a sociedade, especificamente negra, pode ser explicada pelo fator “racismo”. A população pratica o ato de discriminação, entretanto, nega-se a aceitar que essa prática existe, nega-se a aceitar que pratica tal ato. Fecham os olhos, e só enxergam do outro lado do muro do vizinho. Admitem que o vizinho faça uso de discriminação, mas não são capazes de olhar o próprio umbigo.

Uma discriminação cruel, surreal, oriunda do que chamam racismo, que advém de raça, cuja esta não existe, já que não determinamos nossas características hierárquicas naturais. Ora, a nós, não nos cabe rotular, designar, conceituar e descriminar traços biológicos.

Sendo a raça inexistente biologicamente e sendo um termo criando pela sociedade para classificação das etnias, deve-se então, receber esses povos igualmente nas distintas repartições que atendem a população e oferecer-lhes os mesmos direitos que qualquer outro indivíduo venha a receber.

Ao que se sabem, alguns relatos de próprios membros da sociedade, não há atos discriminatórios e nem racistas. O que a eles parecem, é que nossos personagens aqui em questão evidenciados sofrem por fazerem parte da camada mais baixa da população, ficando estes impossibilitados de receberem determinados atendimentos em virtude da baixa renda, sujeitos a uma condição de vida precária e inferior a dos demais.

Pelo que nos é de entendimento, o que ocorre é que sempre o negro obteve menos direitos do que o branco. Já de início, sofre com a desigualdade de emprego, aonde sempre vai à busca de vagas, e sempre encontra portas fechadas, ou quando as encontra abertas, depara-se com propostas salariais abaixo do mínimo estipulado. O que não é de se estranhar tal comportamento por parte da camada alta da sociedade, pois uma vez na história brasileira o negro e o índio foi escravizado e ainda tentam manter ativo esse sistema repugnantemente desumano, mas o que não se deram conta é que esse triste período já se deu por encerrado.

Por conseguinte, ainda temos a saúde e a educação. Na saúde, o cenário não difere de nada que até aqui falamos. Baixa qualidade no atendimento, descriminação

com a pessoa de pele escura, falta de educação para com elas, descaso, isso quando o atendimento não é cessado por completo, sendo inexistente qualquer tipo de serviço ao público. E na educação, a desigualdade se alarma, pois a educação é a base, o fator principal para mudar a concepção da sociedade sobre diversos conceitos pré-estabelecidos nos mais variados assuntos do meio comum.

A aceitação do indivíduo “diferente” e a educação são duas lutas de igualdade que caminham juntas. Já falamos um pouco aqui sobre a luta contra a discriminação e o preconceito racial, e veremos agora que a educação também teve seus momentos de luta. Isso porque só eram aceitas nas escolas crianças do sexo masculino e pertencente à elite, evidenciando claramente o machismo, sendo a mulher designada a crescer apenas no cuidado do lar. Além disso, o critério de classe social fazia com que a classe alta continuasse a subir, e a classe baixa por não possuir educação e conhecimento, eram sujeitos e permanecerem continuamente na miséria.

Movimentos da década de 1980 foram decisivos para alteração nesse quadro, onde a educação de todas as crianças de 0 a 6 anos passou a ser dever do Estado. Os *Parâmetros Nacionais de Qualidade em Educação Infantil* prevê igualdade de oportunidade educacional levando em conta as diversidades de diferenças e desigualdade de um país compostos por várias culturas que compõem uma só., evidenciando que todos, independente de sexo, etnia ou classe social, tem direito ao acesso e permanência na escola.

Sendo as crianças o futuro da nação, estes mais do que ninguém devem receber o máximo possível de educação de qualidade, conforme prevê o documento supracitado, que haja parâmetros com normas e diretrizes que as instituições deverão seguir para que se concretize o ensino e aprendizagem da educação para a infância. Por serem detentoras de traços característicos hereditários de suas etnias, as diferenças que são apresentadas nas crianças devem ser preservadas como direito delas, e não como um empasse no acesso a oportunidades para melhores condições de vida. A educação deve assegurar que no âmbito escolar essas diferenças e talvez semelhanças permaneçam como parte constituinte da caracterização das crianças futuramente como sujeitos.

Para tanto, para que se cumpra o direito de todos, hoje vemos melhorias na questão da inclusão social. As escolas já são equipadas para receber, por exemplo, as crianças com necessidades educacionais especiais, como também, já a um bom tempo, recebem as crianças de sexo feminino, não somente as de sexo masculino, além de

incluir todas as camadas sociais, tanto ricos quanto pobres. E, como não poderia ser diferente, já existe os projetos para inclusão de crianças negras e indígenas. No entanto, os parâmetros agora, visam melhorar cada vez mais a inclusão desses público no contexto escolar, e passou ser conteúdo para a sala de aula a história afrodescendente, para que assim, se possa ter conhecimento da origem de onde se vem. Mas isso não quer dizer que a matéria tradicional será extinta, apenas buscam-se acrescentar esse tópico para o currículo escolar.

Do mesmo jeito, na educação indígena, busca-se intercalar entre os dois padrões de conhecimento, onde se possam educar as crianças guaranis a partir dos conteúdos tradicionais e a partir dos costumes indígenas, mantendo o idioma oficial deles e a língua portuguesa.

Por fim, educar para as relações étnico-raciais significa educar para criar uma relação de troca de conhecimentos onde se aprendem uma nova visão de mundo, entendendo e respeitando o próximo, entendendo e respeitando as diferenças do outro, sendo capaz de enxergar e interpretar que somos todos iguais, apenas com raízes culturais distintas, e que possamos parar de julgar a descendência do outro a partir de uma visão de nossas próprias experiências de vida.

2.3.2 O PROFESSOR ALÉM DO MEDIADOR

O professor no cenário brasileiro vem sendo uma figura central no que se refere à mediação do conhecimento desde meados da colonização portuguesa, quando os europeus através dos jesuítas passaram a catequizar as crianças indígenas e camponesas. Com um ensinamento rígido e focalizado para a busca de padronização de culturas com o pensamento de grandeza no intuito de dominação mundial, as crianças do sexo masculino nesse período eram obrigadas a reduzir suas áreas do saber apenas para tarefas de cunho escravo e pesado, sendo na grande maioria, lavrar a terra, plantar e colher. E as crianças do sexo feminino, reduziam-se aos trabalhos diários domésticos, como cuidar da casa e cozinhar.

As crianças negras eram reduzidas a nenhum ensinamento, já que o negro era visto como um ser não humano, sendo negada a ele qualquer condição humana de

transporte, alimentação, moradia e, sobretudo, de trabalho, já que este por tempos foi explorado com sua mão de obra.

Os negros, na grande maioria vinda da África foram escravizados, tiveram que deixar para trás suas culturas, modo de vida, costumes e tradições, passou a ser mero objeto de trabalho, e tiveram negado a sua condição humana. Tal fato era tão explícito, que como prova disso, podia se constatar o impedimento ao acesso à educação.

O descaso era tão grande e evidente que, mesmo na Introdução Primária da Constituição havia Capítulos e Artigos negando aos negros esses direitos. O preconceito tornava-se tão gritante, ao ponto de se admitir, tempos depois, que os negros eram reconhecidos como cidadãos brasileiros e, logo, possuíam os mesmos direitos que o restante da população brasileira, que na sua totalidade era constituída por indivíduos de pele branca. No entanto, mesmo reconhecido como cidadão brasileiro e possuidor de todos seus direitos civis, ainda a ele era negado o acesso à escola, como também os direitos de eleger representantes políticos ou a se candidatar.

Mas a evolução está aí para nos mostrar que tudo é possível e passível de mudanças. Hoje temos uma grade de ensino regular, voltada para toda a população brasileira independente da etnia, classe social ou gênero. Com base no Art. 227 da constituição de 1988, diz-se que é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente à educação e permanência à escola.

Para tanto, se é de direito a todos o acesso e permanência à escola, deve haver estrutura nas instituições de ensino para acolher sua demanda oferecendo um mínimo de qualidade no ensino e aprendizagem, o que deve ser alcançado através de profissionais bem qualificados capazes de lidar com qualquer situação do dia a dia.

Hoje há inúmeras formas de ingressar em faculdades, o que facilita a formação de mais professores para atender a essa demanda populacional de estudantes. Tanto a formação profissional para a docência como a continuação de qualificações e especializações é de grande importância para receber e dar apoio aos diversos grupos que utilizam as instituições de ensino, visto que esses grupos, sendo pertencentes da sociedade brasileira, são compostos por uma massa miscigenada, e as escolas devem estar preparadas com seus profissionais para atender e lidar com os mais variados tipos de situações.

Dito isso porque inconscientemente e, conseqüentemente, o fator “diferença” ocasiona situações inusitadas e inesperadas, como por exemplo, pode ocorrer racismo no ambiente escolar devido à presença de algum aluno negro, e tanto o professor como

os demais membros da escola devem saber resolver a situação para que o acontecido não se repita nem com esse aluno e nem com nenhum outro, além de saber colocar-se para não criar maiores constrangimentos.

Por isso o docente precisa estar capacitado para enfrentar as situações rotineiras, já que sabemos que nas escolas são frequentes tais tipos de situações. O professor torna-se então não apenas um mediador do conhecimento, como também um observador.

Em seus estudos Reyes & Monteiro (?) destaca a importância do professor como observador, já que este passa boa parte do tempo com crianças, convivendo diariamente com as mesmas, deve buscar conhecê-las a fundo, tentando identificar suas dificuldades, suas facilidades, modo de comportamento, desenvolvimento e, sobretudo, o professor além de identificar esses pontos, precisa buscar conhecer suas próprias ações com o intuito de reconhecer se estas estão sendo satisfatórias para atender seus alunos.

O professor deve olhar e observar as ações rotineiras, se possível anota-las para melhor facilitar o seu trabalho. Com isso ele poderá ler, reler e avaliar os dados levantados.

Com tal atitude, o professor será capaz, por exemplo, de conhecer, decifrar, interpretar o comportamento do aluno que praticou o racismo. Ele saberá responder “O porquê daquela atitude? De onde ela é oriunda? O aluno pratica esses atos com frequência? É a primeira vez? Viu alguém praticar?” São uma série de perguntas que o professor poderá responder.

Além disso, ele também poderá se indagar: “Eu tenho alguma coisa haver com isso? Eu posso ajudar? Posso evitar que ocorra novamente? Que atitude tomar diante desse fato?”. Como dito, sim, são inúmeras perguntas, mas que somente olhando e observando o professor será capaz de chegar a alguma conclusão e, sobretudo, tomar alguma atitude positiva e que venha a oferecer algum benefício em prol da educação dos seus alunos.

Sempre ouvimos a frase: “educação é obrigação dos pais, na escola apenas se ensina conteúdos”. De fato, se olharmos por um ângulo isso faz todo sentido do aluno chegar à escola com um mínimo geral de educação possível, educação essa voltada à higiene pessoal, respeito com os demais, boas maneiras etc. Entretanto, se virarmos a cabeça a um geral, com outro ângulo de visão, teremos a noção de que embora a escola não tenha obrigação com esses ensinamentos, ainda fará parte da vida de seus estudantes por um longo período de tempo. Logo, não será de todo o mal repassar

conduta de bom moral, respeito, generosidade, enfim, a educação que como muitos dizem, é obrigação da família.

E nesse ponto, vários pontos se ligam. O professor, sendo um bom observador, notará algo de errado com seu aluno. Porque ele é indisciplinado? Talvez a resposta seja simples, talvez seu comportamento advenha justamente do lar, de casa, da família que tem, ou da família que faz falta, pois como já mencionado, nossa sociedade é mista em vários sentidos, tanto em relação à etnia quanto de classe social, não que isso seja o motivo específico, mas muitas vezes famílias de classes mais baixas são incompletas, na grande maioria há a ausência do pai, por conseguinte uma mãe que trabalha fora e passa pouco tempo com o filho, sendo este criado sem instruções.

Nosso professor observador, se conseguir notar essa falha estrutural familiar, poderá auxiliar em classe, repassando, conversando e orientando o estudante sobre o que é certo e o que é errado. Com certeza, se houver aproveitamento das instruções, tanto o aluno indisciplinado quanto os demais, poderão ter uma virada na vida. Aquele que talvez, correria o risco de seguir uma vida difícil e errada, provavelmente sendo bem instruído terá chance de seguir uma vida honesta e digna e tudo graças ao olhar do bom observador.

Enfim, a opinião que até aqui se expos é apenas um exemplo isolado da realidade que ocorre nas escolas, como também um exemplo do que possa vir a ser a ação do professor em sala de aula, sendo este um bom observador. De todo modo, há outros casos, que dependerá do modo que o docente irá olhar, já que este, sobretudo, deve ser atento a qualquer sinal incomum em sua classe, por assim se dizer, um verdadeiro investigador.

2.3.3. ETNICIDADE: AUTO IDENTIDADE DA INFÂNCIA PARA A VIDA

O início da vida escolar durante a educação infantil é o primeiro passo para inserção das crianças para a vida social. É neste período que passam a ter maior conhecimento sobre si próprio e sobre o outro. Começam a perceber as diferenças e semelhanças, passam a ter opinião mais forte e formada sobre as ações que tende a desenvolver, começam a escolherem os brinquedos preferidos, com quem querem brincar e com quem não querem. Nessa fase também se intensificam as aplicações de regras e limites de convivências com base no respeito de si e do próximo.

Sendo a criança um ser humano em desenvolvimento, que espelha seu comportamento com base nas ações dos adultos, com vivências que concretizam seus conhecimentos, é importante reforçar a adoção de atitudes positivas para a formação de seus valores. E sendo a Educação Infantil uma etapa da educação básica que promove o desenvolvimento físico, intelectual, linguístico e social das crianças, cabe ao espaço escolar assegurar em sua proposta pedagógica o acesso às contribuições dos povos negros em diferentes níveis, valendo-se do cenário brasileiro atual onde a sociedade passa por um processo de reconhecimento sobre a importância da educação como fator equalizador de oportunidades, como possibilidade de solução para a desigualdade, valendo-se da tese de estudo do comportamento humano, através da educação para fundamentar a lógica de um comportamento respectivamente educado no campo de visão do respeito.

Nada mais justo do que inserir a Educação Étnico-racial na Educação Infantil, já que este se caracteriza como o patamar de educação da primeira etapa da vida escolar e de convívio social da criança, sendo importante empreender a promoção da igualdade racial para provimento da inclusão, influenciando, assim, na formação de indivíduos que recebam e ofereçam direitos e deveres igualitários.

Conhecer e reconhecer as diferenças faz parte de uma equivalência do respeito à diversidade cultural, racial, de gênero e classe social. Para tanto a educação como fonte de intermédio para provimento do aprendizado sobre a história e cultura africana e afro-brasileira traz a tona um campo educacional que vai além dos elogios às diferenças para emergir no outro lado do discurso, onde se evidencia o estudo como relacionado às vivências concretas de sujeitos, formas de conhecer o mundo, particularidades e semelhanças construídas pelos humanos durante o processo histórico e social. (GOMES, 2003, p. 75).

Muito além do que se imagina a Educação Étnico-Racial não se restringe apenas a oferecer conhecimentos voltados a origens afrodescendentes para provimento do autoconhecimento e autovalorização. A educação voltada para a etnicidade também oferece a formação de sujeitos relativamente conscientes em relação aos seus limites e, por conseguinte maior consciência sobre a caracterização do outro, respeitando as diferenças e promovendo a igualdade, evitando até mesmo atos de preconceito e discriminação no próprio espaço institucional infantil.

Desta forma, a educação se relaciona intimamente com as práticas sociais e culturais do ser humano e assim, formam-se os sujeitos sociais levando em conta que a educação e a cultura

são relacionadas e buscam a humanização das pessoas para se tornarem cidadãos conscientes, críticos de sua realidade e transformadores da mesma.(VENTURINI, ?, p. 5.)

A educação em si contribui para o máximo possível de instrução que um indivíduo deva obter. Embora às vezes voltada para determinado ponto, o cenário educacional possibilita uma gama de discursos que tudo tem a ver com o provimento de auto formação do indivíduo em relação a bons princípios e conduta moral.

Enfim, por tratar da primeira etapa de todo o processo de composição do caráter individual das pessoas além de inserção no campo de estudos para formação profissional respectivamente, a Educação Étnico-Racial como componente curricular da grade de ensino na infância, possibilita também a valorização da cultura negra, conscientizando sobre a História da composição da população brasileira que em sua grande maioria é formada por descendentes negros, evidenciando a importância de se conhecer as origens, firmando, assim, um marco de identidade que se leva da infância para toda uma vida.

2.3.4 ETNICIDADE: EDUCANDO PARA O FUTURO

Todos os aspectos que podem ser vivenciados a partir da consciência de si mesmo como afrodescendente e do contato com a história de antepassados negros, só torna-se possível no momento em que a instituição de ensino passa a adotar práticas pedagógicas voltadas a essa temática. É válido dizer que qualquer indivíduo é livre para buscar seu próprio conhecimento, entretanto, tratando-se de educação infantil, a metodologia de ensino, nesse contexto, passa a contar consideravelmente já que falamos da primeira etapa da vida escolar, momento este de primeiro contato fora do convívio familiar para estreitar o início da vida social, e momento este também que ainda não sabemos claramente fazer nossas escolhas, ou quando a fazemos não temos convicção da intensidade dos resultados, por se dizer, que criança é um ser em desenvolvimento e aprendizado. Sendo assim, ter como conteúdo de ensino etnicidade racial possibilita as crianças uma formação de identidade.

Apoiado nessa ideia é notório que o momento da vida em que o adulto se encontra, onde tem maior percepção da sua identidade racial é de grande importância no cuidado com a criança (NASCIMENTO, 2016 apud BENTO, 2012, p. 112). Para tanto, o professor em seu cotidiano deve desenvolver uma reflexão sobre a educação voltada para a diversidade.

Embora tenha tornado obrigatório o ensino de cultura e história afrobrasileira apenas aos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio, oficiais e particulares, em 2004, o Conselho Nacional de Educação (CNE) elaborou o Parecer 03/2004 e, posteriormente, a Resolução 1/2004, que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana - DCNERER, que enfatizou a obrigatoriedade da inclusão das discussões étnico-raciais nos currículos da Educação básica, incluindo, por conseguinte, a educação infantil. (PEREIRA, ROSA, VASCONCELLOS, 2016).

Apesar de estar incluída nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira a obrigatoriedade da inclusão dessas discussões na educação infantil, deve-se ainda averiguar a adequação destas instituições de ensino, visando perceber a organização dos espaços e ambientes se estão voltados para o ideário que valorize não apenas a “branquidade normativa” (AMARAL, 2015), mas que ofereça um ambiente social com alternativas amplas de “outro generalizado” para ambas as crianças, brancas e negras. Cabe visar se os profissionais estão inteirados dos documentos mandatórios voltados à questão étnico-racial, já que estes são os organizadores do trabalho pedagógico na instituição.

Por conseguinte, o trabalho de educar para as relações étnico-raciais é uma questão fora do alcance de apenas um indivíduo, entretanto, abrange uma gama de indivíduos envolvidos na formação das crianças enquanto futuros adultos que deverão saber conciliar as diferenças existentes no mundo, sabendo assumir seus devidos lugares na sociedade, respeitando e impondo respeito para com o próximo.

A luta nos dias atuais é por uma educação igualitária que para que possamos constituir uma sociedade mais avançada financeiramente e mais intelectual. Infelizmente a desigualdade educacional no Brasil é evidente, uma vez que, o padrão de vida das pessoas com formação é bem mais elevado do que as pessoas de pouco estudo. E os que deveriam lutar pela igualdade educacional que são as autoridades, não lutam, pois sabem que pessoas bem informadas impediriam que continuassem burlando as leis.

Vale ressaltar, que o conhecimento é tão importante que, nos séculos passados, a igreja católica escondia o conhecimento dos fieis por medo de perder sua soberania e isso acontece nos dias atuais, através do pouco incentivo que recebemos na área da educação: piso salarial baixo; verbas que seriam investidas na educação são desviadas descaradamente, então não há avanços educacionais por que muitos não permitem que ele aconteça. Contudo, se não houvesse um individualismo imoral das autoridades desde os primeiros séculos, e se todos que podem expandir a educação, realmente

expandissem, como Platão, Plutarco, Aristóteles, etc... Estaríamos vivendo em um mundo todo terceirizado. Com certeza a pobreza seria banida dando lugar ao desenvolvimento.

No intuito de identificar a concepção de etnicidade por parte da comunidade escolar em seu contexto, buscou-se conhecer como é desenvolvida a educação étnico-racial na Instituição de Ensino Infantil Menino Jesus da rede de ensino do Município de Brasília-Ac, sendo esta uma cidade pequena do interior, com uma massa composta significativamente em sua maioria por pessoas pardas e negras.

Com isso, a seguir apresentamos a pesquisa, os dados levantados, os resultados obtidos e considerações finais.

2.4.1 A PESQUISA: PRÁTICA E AÇÃO

Este capítulo destina-se a apresentação dos dados recolhidos durante a elaboração da pesquisa, por conseguinte, aqui iremos classifica-los e caracteriza-los, descrevendo a metodologia utilizada, campo de pesquisa, resultados obtidos e análise destes.

A pesquisa tinha como objetivo geral analisar como acontece a educação Étnico-Racial na Escola Municipal de Ensino Infantil da rede de ensino do município de Brasília-AC, especificamente: Identificar a concepção dos professores sobre a Educação Étnico-Racial, Conhecer como a Educação Étnico-Racial é desenvolvida pela escola, Saber quais os materiais usados para as aulas de educação Étnico-Racial, e analisar o Projeto Político Pedagógico e os projetos pedagógicos realizados pela escola.

Com os resultados, buscava-se interpretar como e com qual frequência se dava o ensino das relações étnico-raciais na Instituição de Ensino Infantil, para então mostrar a importância de se trabalhar a questão da etnicidade para provimento de atividades que promovam conhecimentos, atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos afrodescendentes ou não. Para tanto, tomou-se como objeto de estudo a Escola Municipal de Ensino Infantil Menino Jesus.

Esse estudo pode ser definido como uma Pesquisa Descritiva - que se preocupa com a atuação prática, estudando e analisando com base no registro e interpretação dos fatos do mundo físico sem interferência ou manipulação destes. Os instrumentos que utilizados foram: a observação participante em sala de aula, onde se decorre de técnicas de entrevista com graus de formalidade diferenciados, com vantagem de possibilitar graus diversificados de integração com o grupo, e que oferece por desvantagem, o risco da presença do observador causar incômodo ao grupo.

Também se utilizou de entrevista semiestruturada que se baseia no diálogo focado em determinado assunto, sendo basicamente um guia de entrevista adaptável não rígido ou pré-determinada, tendo esse ponto por sua maior vantagem.

Os dados foram coletados a partir de observação com uma turma sugerida pela coordenação (2º período), entrevista (conversa informal) com a coordenadora pedagógica (1), bem como professoras da rede de ensino infantil (5), contendo 08

questões, visando observar o conhecimento das entrevistadas sobre tal assunto e, sobretudo, verificar a intensidade da aplicação dos conteúdos relacionados ao ensino da educação étnico-racial na instituição de ensino referenciada.

A observação em sala de aula foi um dos meios de coleta de dados relevante por oferecer a oportunidade de vivenciar o trabalho pedagógico, bem como o trabalho docente, em contrapartida, confrontar as informações coletadas com as informações observadas com o registro visual como um reforço ilustrativo da fala dos entrevistados, além do mais, pôde-se medir o comportamento das crianças em sala.

2.4.2 CENÁRIO DA PESQUISA: APRESENTANDO E.M.E.I. MENINO JESUS

A Escola Municipal de Ensino Infantil Menino Jesus, está localizada no município de Brasiléia- AC que atende crianças de três a cinco anos de idade e está localizada na Rua Joao Jovino n° 300, bairro Eldorado no município de Brasiléia-Acre.

É oferecido um atendimento a 08 (oito) turmas distribuídas em: maternal, 1º e 2º período distribuído nos turnos matutino e vespertino, que atende uma clientela de 307 alunos, com idade até 05 anos. O horário de funcionamento vai das 07h00min às 11h00min e das 13h00min às 17h00min horas, com um quadro de 18 funcionários, onde todos os profissionais já possuem nível superior, ou estão em fase de conclusão.

A escola opta pela dinâmica em que cada turma circula por salas diferenciadas no decorrer da semana, exercendo assim atividades na sala de vídeo, na sala de leitura, e na sala de brinquedo, o que é bom até mesmo para que o professor tenha um melhor desempenho do seu trabalho por não se fixar em uma rotina de apenas uma sala, mas sim de vários cantos. As crianças também circulam na área externa, a escola tem uma infraestrutura adequada para os alunos, pois a mesma foi reformada há um ano, e é bem localizada para o acesso das crianças. Além disso, possui muito bem estruturado o seu parquinho, onde as crianças interagem umas com as outras e aprendem a dividir as coisas.

O plano de ensino da escola é elaborado com apoio da coordenadora pedagógica englobando toda equipe de ensino da seguinte forma: todos os coordenadores pedagógicos das escolas de ensino infantil do município de Brasiléia se reúnem com a coordenadora geral de ensino infantil do município e elaboram os temas que serão

trabalhados por bimestre. Feito a escolha dos temas para serem trabalhos durante cada bimestre, as coordenadoras pedagógicas repassam para as professoras quais os temas que deverão ser trabalhados, e a partir daí começa a elaboração dos projetos, cada projeto é executado semanalmente.

A seleção de materiais, os tempos e os momentos, os espaços, observação, registro e avaliação (diagnóstica, formativa e somativa) das atividades são organizados no dia do planejamento a coordenadora pedagógica e os professores. Eles se reúnem uma vez na semana para planejar o desenvolvimento de cada projeto de acordo com a turma e com base na idade das crianças.

Num só projeto são realizadas atividades diferentes para cada turma e a avaliação é feita de acordo com o desempenho de cada criança no decorrer da realização das atividades. Todos os recursos didáticos disponíveis na escola são incluídos nas atividades de cada projeto e todas as salas de aulas são aproveitadas. Na escola existe a sala de Faz de conta, a sala de leitura e vídeo, a sala de jogos e manipulações. Também são utilizadas as tecnologias de comunicação e informação como internet e multimídia. Tudo é planejado e executado de acordo com o Referencial Curricular da educação Infantil (1998).

Os professores da escola possuem nível superior e pós-graduação, todos são pedagogos por isso são bem capacitados, possuidores de domínio sobre a classe, sabendo conduzir bem as aulas com cordialidade, intensidade serena e paciente da voz, possuem articulação clara e objetiva da linguagem, ritmo, facilidade de expressão oral, postura e movimentos corporais, gesticulação e contato visual de forma amorosa. As crianças participam das atividades propostas, poucos que não querem participar, os professores deixam a vontade, pois algumas ainda são muito pequenas, as crianças do maternal, por exemplo, eles não foçam as crianças a fazerem nada, mas sempre procuram uma forma de fazer com que a criança se interesse pela atividade que está sendo desenvolvida. Os professores desenvolvem a autonomia das crianças no processo ensino-aprendizagem, havendo coerência entre o que foi planejado e o que foi executado. A disciplina é vista como cumprimento das regras coletivas construídas pelo grupo e a liderança é democrática.

2.4.3 RELATOS DE EXPERIÊNCIA: UMA EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL

A pesquisa de campo foi realizada no período entre os meses de setembro e outubro de 2018. Inicialmente foi feita uma visita ao local da pesquisa para a apresentação da proposta de trabalho e, por conseguinte, autorização para realização da mesma, que foi aceita após conversa com a Gestão da escola.

Na mesma visita, aproveitando a aceitação e a oportunidade de estar no local, foi conversado sobre o assunto com as professoras participantes da pesquisa e com a Coordenadora Pedagógica, entregue a elas o questionário que nortearia toda a entrevista para que pudessem responder e em outro momento da semana seguinte pudesse ser recolhido.

O questionário foi recolhido devidamente preenchido e através dele foi possível realizar a avaliação quantitativa, expressa em forma de gráficos, além de nos possibilitar verificar que assuntos relacionados à educação étnico-racial não é tratada tão veementemente quanto o que se imagina ou o quanto deveria ser por obrigatoriedade.

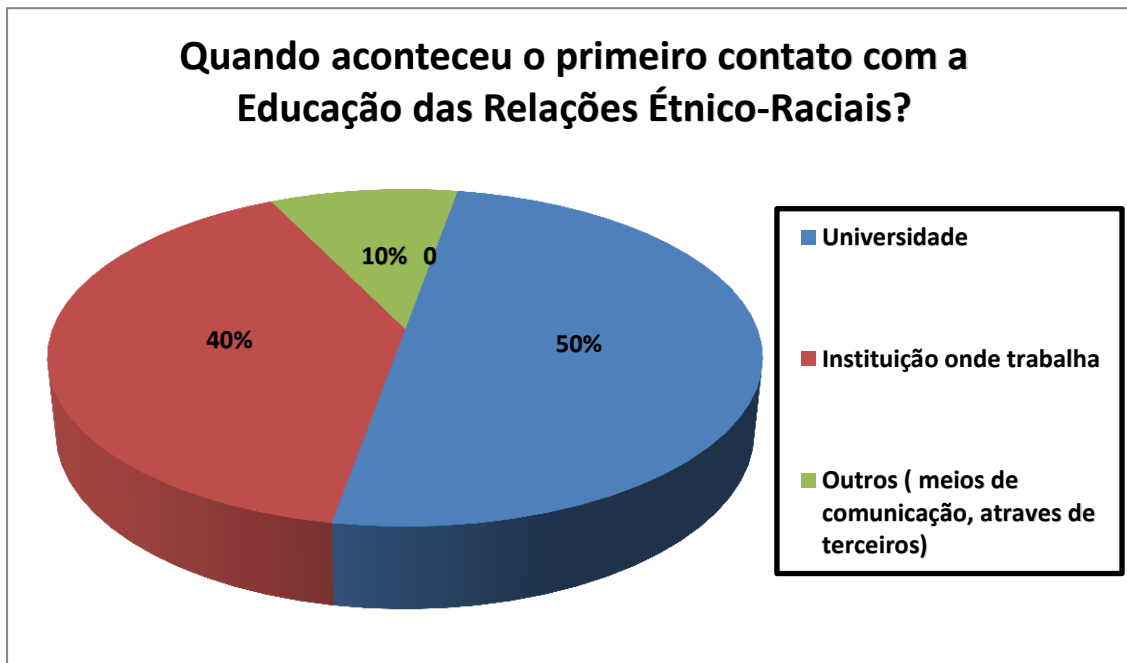
No decorrer das entrevistas e da observação constatou-se que algumas professoras detinham menos conhecimentos ou eram pouco informadas a respeito da temática abordada. Para tanto, suas identidades serão preservadas e aqui trataremos das entrevistadas utilizando o Termo “Prof.^a 1, Prof.^a 2, Prof.^a 3, Prof.^a 4, Prof.^a 5 e Coord. 6”.

2.4.4 A ATUAÇÃO: OS DADOS EM NÚMEROS

O objetivo principal dessa pesquisa consistia em recolher dados para que se pudesse analisar como ocorre o ensino das relações Étnico-Racial em turmas do ensino infantil, necessariamente a metodologia utilizada para aplicação da temática. Para isso, foram aplicadas 08 questões a 05 docentes e a coordenadora pedagógica da instituição de ensino infantil do Município de Brasília. Após análise dos dados, chegamos aos resultados apresentados a seguir.

A primeira pergunta trazia o seguinte questionamento: **Quando aconteceu seu primeiro contato com a Educação das Relações Étnico-Raciais?**

As respostas apontavam para uma maioria que tiveram contato pela primeira vez com a temática durante a faculdade, como apresentaremos no gráfico I, evidenciando que a preparação dos docentes para atuação em sala de aula é de suma importância, sobretudo de responsabilidade dos cursos de formação inicial garantir essa formação,



em destaque para a Educação das Relações Étnico-Raciais.

Gráfico I

Fonte: BEZERRA, Eliandra de Oliveira. Pesquisa de Campo – 2018.

Vemos que 50% das respostas obtidas destacam que as entrevistadas tiveram primeiro contato com educação étnico-racial durante o período de formação, ou seja cursando o ensino superior ou equivalente; 40% tiveram contato na instituição onde trabalham ou em outras instituições onde já haviam trabalhado; e somente 10% tiveram contato por mídias e meios de comunicação.

A segunda pergunta trazia: **O projeto Político Pedagógico em seu texto inclui o trabalho voltado a Educação das Relações Étnico-Raciais?**

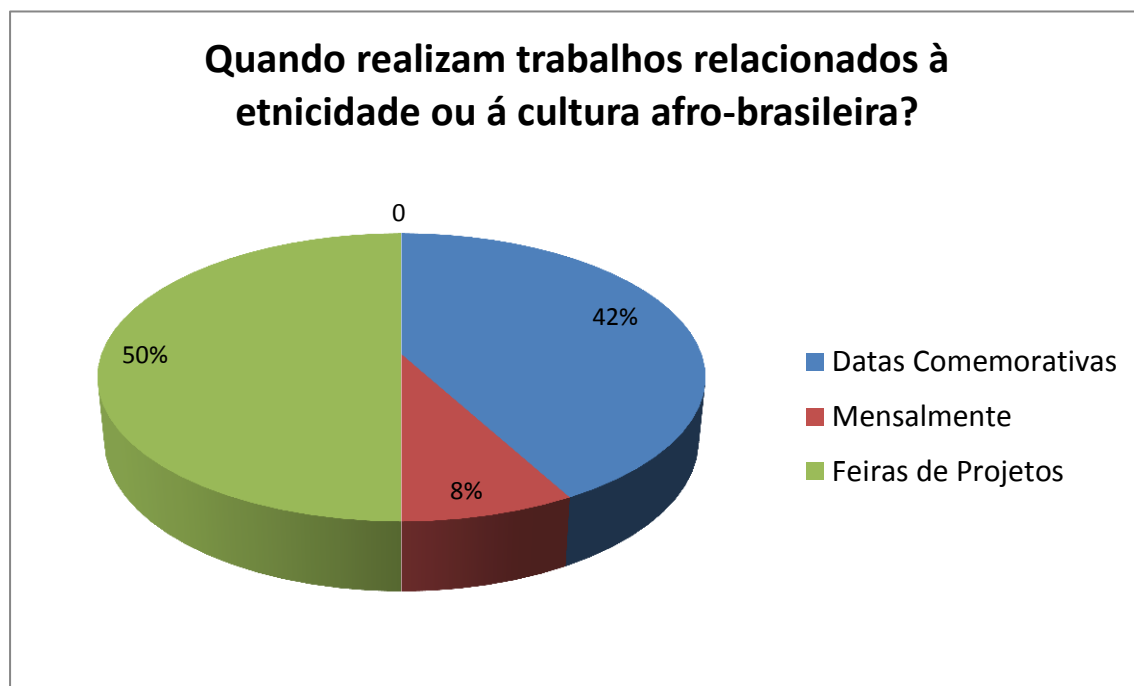
Com essa indagação surpreendeu-nos por a instituição não possuir, na data da pesquisa, o Projeto Político Pedagógico. Entretanto 02 professoras (Prof.^a 1 e Prof.^a 4), que possuem maior tempo de atuação em sala de aula, contaram que em outras instituições onde trabalharam, não havia incluso no PPP o trabalho das Relações Étnico-Raciais. Devem-se levar em conta duas situações neste caso: a primeira situação nos

leva a interpretar que não se tratando da instituição pesquisada, não devemos levar em consideração as informações apresentadas pelas duas professoras. Em contrapartida, a segunda situação nos permite ter a convicção que no município o assunto aqui debatido não está em vigor conforme prevê as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira a obrigatoriedade da inclusão dessas discussões na Educação Infantil.

Embora a instituição não possuísse PPP, as entrevistadas afirmaram realizar atividades relacionadas ao assunto de etnicidade. A Coordenadora Pedagógica em seu discurso nos relatou: *“O Projeto Politico Pedagógico é um documento inacabado, ‘tá’ em constantes alterações, nunca se dá por concluído porque sempre a gente tem que sobrepor, alterar, acrescentar alguma coisa nova. Só por isso não ‘tá’ disponível no momento”*.

Interligando o assunto, a terceira questão se sobressaiu à resposta adquirida na segunda quando indagado: **Quando realizam trabalhos relacionados à etnicidade ou á cultura afro-brasileira?**

Como veremos no gráfico II, os trabalhos são desenvolvido com pouca frequência a julgar pelo período de tempo que ficam sem desenvolver nenhum trabalho voltado para a Diversidade, Relações Étnico-Raciais ou Cultura Afro-brasileira em sala de aula. Vele ressaltar que as legendas são constituídas conforme maior numero de



respostas obtidas na mesma linha de raciocínio ou iguais, já que o questionário não apresenta alternativas de multiescolha.

Gráfico II

Fonte: BEZERRA, Eliandra de Oliveira. Pesquisa de Campo – 2018.

Nesse gráfico, os números apontam uma grande maioria equivalente a 50 % para trabalhos realizados em feiras de projetos, como feiras culturais; 42% em datas comemorativas; e 8% mensalmente.

Sendo o assunto aqui tratado, trabalhado com pouca frequência, ficando a desejar o cumprimento das propostas pedagógicas de obrigatoriedade do ensino que deveria respeitar princípios éticos, políticos e estéticos, indaga-se: **as crianças de sua turma apresentam, em seus comportamentos, preconceito de pessoas negras?**

Sendo a instituição pertencente a uma localidade regional predominantemente parda ou afrodescendente, surpreende a fala das entrevistadas por afirmarem que não há em grande numero atos preconceituosos em sala de aula, mas que quando um ou outro caso vem a ocorrer, é manifestado por parte das próprias crianças pardas ou negras. Com isso, improvisamos outra questão dentro desta mesma interrogativa, no intuito de intender os atos de preconceito ocorridos em sala de aula. Para tanto, acompanhemos o



gráfico a seguir.

Gráfico III

Fonte: BEZERRA, Eliandra de Oliveira. Pesquisa de Campo – 2018.

Com uma grande porcentagem, e significativamente positiva para os resultados do gráfico que apontam 82% de não haver comportamentos preconceituosos entre as crianças da turma em relação a pessoas negras. Somente 18% apresentam essa ênfase.

Por conta da informação que obtivemos, onde as entrevistadas afirmaram que atos de preconceito partem de crianças negras ou pardas, indagamos da seguinte maneira: **Os atos de preconceitos praticados são contra, na grande maioria, crianças brancas, pardas ou negras?**

Neste caso, demos as entrevistadas alternativas para que pudessem responder. Na tabulação dos dados, observamos que são as crianças pardas que desempenham atitudes discriminatórias contra os demais colegas de classe. Como na fala da “Prof.^a 3”:

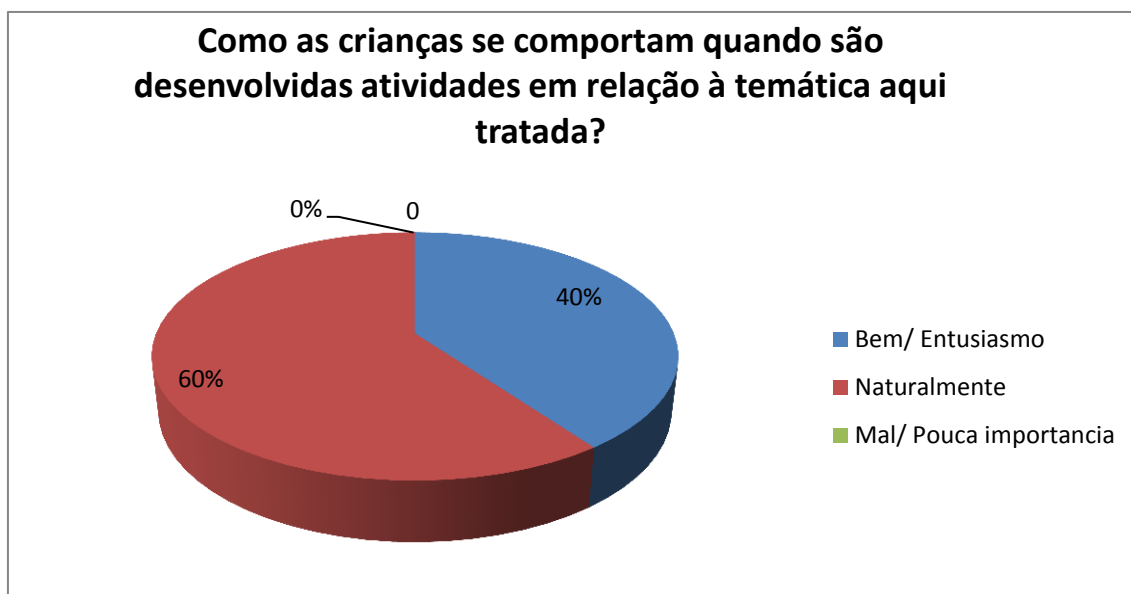
“ as crianças, principalmente as que apresentam pertencimento a classe baixa, todas em sua maioria pardas, são as que mais ofendem os coleguinhas. Parece que embora frequentem a escola, a educação que recebem em casa ainda é insuficiente e isso faz com que eles sejam um tanto agressivos verbalmente. Insultam os coleguinhas constantemente. Por exemplo, tive que repreender o T. diversas vezes porque ele chamava uma das alunas de lagartixa albina, e em outra situação chamou um dos alunos de tição”.

É evidente que o trabalho realizado pela instituição, ainda que na maior e melhor das intenções, deixa muito a desejar. O comportamento do aluno mostra o quão necessário se faz uma proposta pedagógica voltada à diversidade de raças nesse ambiente de ensino.

Com isso, como não há atividades frequentes, sobre etnicidade, a sexta pergunta em seu contexto veio a indagar: **como as crianças se comportam quando são desenvolvidas atividades em relação à temática aqui tratada?**

Nesse contexto, a Coordenadora Pedagógica salientou que geralmente, quando trabalhados questões étnico-raciais, são em projetos e por conta disso, os alunos agem naturalmente por considerarem que se trata de apenas mais um projeto escolar, sendo um trabalho que demanda muita articulação, elaboração e apresentações, todos participam ativamente como em qualquer outro projeto que a instituição venha a desempenhar. A prova disso, vamos ao gráfico IV.

Gráfico IV



Fonte: BEZERRA, Eliandra de Oliveira. Pesquisa de Campo – 2018.

O fato de 60% das respostas apontarem para uma maioria, onde as crianças se comportam naturalmente com conteúdos sobre etnicidade é um fator preocupante, já que o ideal seria que houvesse entusiasmo por parte das crianças, como apresentado nos 40% que disseram que sim, que há boa participação das crianças na elaboração dos trabalhos.

A baixa intensidade na aplicação de Projetos e atividades frequentes que influenciem a proximidade das crianças com o tema abordado, possibilita que tenham pouco conhecimento sobre o assunto e, por conseguinte, pouco entusiasmo na elaboração das tarefas por mera curiosidade ou interesse. Desse modo, a participação das crianças nos projetos se dá por gostarem do processo de elaboração independentemente do tema trabalhado. Mais uma vez, ficando a desejar o ensinamento e repasse da Educação das Relações Étnico-Raciais e Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira na Educação Infantil.

Na sétima questão foi indagado: **Onde conseguem materiais para trabalhar a questão Étnico-Racial?**

Nos projetos e feiras que a instituição realiza, quando são tratados desta temática, na grande maioria, os materiais são recolhidos da internet. A Coordenadora Pedagógica nos coloca que sempre busca alternativas para uma aula diferenciada no Portal do MEC, e que os recursos utilizados variam entre os que a escola proporciona, os que as professoras levam de casa e entre os que compram através de cota entre os

próprios funcionários, além da utilização do fundo que arrecadam nas festinhas, como na Festa Junina.

Para finalizar a conversa, pedimos às entrevistadas que falassem de forma sucinta: **Como docente qual sua contribuição para com as crianças para desenvolver nelas o apreço pelas Relações Étnico-Raciais?**

- ❖ Prof.^a 1: *Eu posso incentiva-los a prezar pelas diferenças, respeitar o próximo e a eles mesmos. As crianças são de fácil manipulação porque são puras, podem ser manipuladas pro bem ou pro mal. Mas no nosso caso queremos só o bem delas e podemos contribuir para que elas cresçam sabendo se impor na sociedade só que respeitando o outro como se fosse a si mesmo.*
- ❖ Prof.^a 2: *Sempre que posso converso com minha turma, ainda são sementinhas, mas precisam receber água todos os dias se não, não vão crescer, e precisam também de fertilizantes se não vão crescer plantinhas não saudáveis.*
- ❖ Prof.^a 3: *Posso contribuir passando todos meus conhecimentos, carinho e amor para as crianças. Só com amor é possível molda-las ao modo que queremos. E queremos crianças tolerantes às diferenças.*
- ❖ Prof.^a 4: *Não tenho muito o que fazer, dependo da escola pra me fornecer os recursos necessários pra trabalhar em sala o tema.*
- ❖ Prof.^a 5: *Devemos sempre trabalhar em prol do bom desenvolvimento das crianças. O correto seria se todos os dias, desenvolvêssemos com elas algum tipo de conteúdo voltado à formação deles quando crescerem. Mas são muito pequeninos, não dá pra sobrecarregar a mente deles com tantas informações, o processo de formação deles será demorado. Dedicamos muito tempo em sala de aula tratando mais da metodologia voltada para o português, matemática e esquecemos que são seres humanos em desenvolvimento.*
- ❖ Coord. 6: *Minha atuação em sala de aula é mínima porque levo muito tempo preparando as aulas, os projetos, enfim, mas sempre que posso participo das brincadeiras com as turmas. Não “tô” em sala de aula constantemente, mas já tive um dia. Hoje meu papel é também de mediar o conhecimento indiretamente, mas se preciso for, faço qualquer*

sacrifício pra educar nossas crianças para o mundo feroz que temos lá fora.

As opiniões expressas retratam uma preocupação com o comprometimento em educar as crianças conforme prevê as Diretrizes Curriculares Para a Educação, mostrando que esses profissionais detêm sim algum conhecimento relacionado a temática aqui tratada.

2.4.5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A inserção da educação Étnico-Racial na Educação Infantil vem para aproximar as crianças e fornecer a elas o contato com as diferenças, tais diferenças diversificam nossa população brasileira e torna ela culturalmente e biologicamente única em seus traços característicos.

O Conselho Nacional de Educação, pela Resolução CP/CNE nº 1, de 17 de junho de 2004 (DOU nº 118, 22/6/2004, Seção 1, p. 11), instituiu diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, a serem observadas pelas instituições, em todos os níveis de ensino, em especial, por instituições que desenvolvem programas de formação inicial e continuada de professores. A resolução tem por base o Parecer CP/CNE nº 3, de 10 de março de 2004, homologado pelo Ministro da Educação, em 19 de maio de 2004. (BRASIL, 2004).

Fruto das mudanças ocorridas em nossa sociedade a palavra *cultura* vem fazendo parte do vocabulário educacional em uma intensidade e frequência bem maior do que se via antes de ocorrerem ações e demandas dos movimentos sociais, dos grupos sociais e étnicos raciais. Entretanto a discussão de cultura no campo educacional não deve restringir-se apenas ao currículo escolar da cultura escolar, bem como de galanteios às diferenças. Para tanto, deve-se tratar as diferenças de cunho cultural no âmbito escolar de maneira imponente, pois segundo GOMES (2003), “*Ela diz respeito às vivências concretas dos sujeitos, à variabilidade de formas de conceber o mundo, às particularidades e semelhanças construídas pelos seres humanos ao longo do processo histórico e social*”.

Sendo assim, através da cultura, homens e mulheres estipulam regras e valores que possibilitam a comunicação entre indivíduos de um mesmo grupo ou em contato com outros, adaptando-se a novos hábitos constituindo, assim, uma vida social.

Isso intensifica a ideia de que o ensino das Relações Étnico-Raciais na Educação Infantil influencia na constituição de competências e valores. As Diretrizes Curriculares

Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e africana prevê em sua resolução Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004, que:

Art. 2º As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana constituem-se de orientações, princípios e fundamentos para o planejamento, execução e avaliação da Educação, e têm por meta, promover a educação de cidadãos atuantes e conscientes no seio da sociedade multicultural e pluriétnica do Brasil, buscando relações étnico-sociais positivas, rumo à construção de nação democrática.

Em busca de saber como as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana estavam sendo colocadas em prática que realizamos esta verificação por meio de pesquisa, incluindo entrevista e observação, sobretudo buscávamos conhecer a metodologia de ensino adotada na prática pedagógica, identificar a concepção dos professores sobre a Educação Étnico-Racial, conhecer como a Educação Étnico-Racial é desenvolvida pela escola, saber quais os materiais usados para as aulas de educação Étnico-Racial e analisar o Projeto Político Pedagógico e os projetos pedagógicos realizados pela escola.

A observação constituiu a segunda parte da pesquisa. Essa etapa nos permitiu confrontar os dados, a partir dos depoimentos recolhidos com a ação em sala de aula, trazendo a teoria para a prática. Com isso realizamos a visita na Instituição a fim de observar no dia a dia, como a temática da História e Cultura Afro-brasileira era trabalhada.

Conforme já sabíamos, a questão Étnico-Racial não era tratada com frequência nessa instituição. A prova disso, em nossa observação, vimos a escola funcionando em sua rotina normalmente. Sempre na chegada faziam a acolhida, formando um grande círculo e cantando várias musiquinhas. Após a acolhida, as crianças direcionam-se às suas salas, e nesta turma que estamos observando, a professora realiza com as crianças todos os dias a oração da criança, que segundo a mesma ajuda na composição do caráter por valorizar a família e tudo o que temos. Dentre os exercícios desenvolvidos estão alguns como o relato de histórias, cantigas de roda ou outras músicas, e contar os números em voz alta. Na hora do recreio, todos saem das salas em fila e cantam a cantiga do Meu Lanchinho. Geralmente, baseiam-se no Método Construtivista, onde as crianças aprendem a partir de brincadeiras, jogos, músicas. Onde passam a desenvolver maior liberdade, cognição, coordenação motora, além de princípios morais. Os projetos

desenvolvidos na escola são de leitura, de higiene pessoal, meios de transportes, feirinhas culturais que abrangem assuntos do folclore, e no geral, os projetos giram em torno das datas comemorativas, como aniversário da cidade, páscoa, dia do índio, dia das mães, festa junina, entre outros.

Conforme o texto das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, a proposta pedagógica das instituições voltadas a Educação Infantil deve conter em seu planejamento o objetivo de garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e, aprendizagens de diferentes linguagens, como também direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças.

Com isso, as propostas pedagógicas de Educação Infantil segue uma estrutura que deve respeitar os seguintes princípios:

- Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais.
- Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades;
- Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática;

Conforme as Diretrizes em Ação no Dia a Dia da Criança, “considerar a criança como centro do planejamento curricular implica acreditar na sua potencialidade, respeitar seus ritmos e desejos, criar oportunidades para que possa falar e se manifestar em diferentes linguagens (...)”. (pag. 12).

Assim, a proposta pedagógica da instituição de Ensino Infantil deve garantir que se cumpram tais princípios, com base na política pedagógica, oferecendo assim condições e recursos para que as crianças possam usufruir de seus direitos civis, humanos e sociais, sobretudo para que possam atingir a potencialidade esperada, respeitando o ritmo e o nível de desenvolvimento de cada um.

2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o término da Pesquisa, percebemos que o comprometimento com a Educação das Relações Étnico-Raciais vem gradativamente se assumindo mais forte. Há de se convir que a caminhada ainda é longa e há muito o que se estruturar.

O comprometimento da educação Étnico-Racial está em formar cidadãos conscientes e livres do preconceito, capazes de conviver e de se relacionar com diferentes indivíduos da sociedade. Por isso, trabalhar essa questão na educação infantil é de grande importância, para que haja o despertar nas crianças do interesse pela história Africana e afro-brasileira, pela cultura e diversidade do povo que compõem o nosso país, para que se tornem adultos orgulhosos de pertencerem a uma massa única, embora miscigenada.

No objetivo da escola observada, encontra-se o trabalhando para garantir o acesso e a permanência dos alunos, oferecendo-lhes uma educação de boa qualidade, com ensino de conteúdos e desafios que testam e aprimoram as habilidades através de brincadeiras, que envolvem o cuidar e autonomia, para que desenvolvam características cognitivas, aspectos físicos, emocionais, afetivos, linguísticos e sociais, deixando-os o mais próximo possível de tornarem-se cidadãos bem desenvolvidos, com base nos valores sociais. Ademais a escola vem trabalhando para oferecer melhores condições intelectuais aos educandos que no intuito de favorecer a construção de conhecimento de maneira integral e global, partindo desse princípio, a escola deseja manter um relacionamento de parceria que funcione como suporte para realização de ações que promovam a integração escola-comunidade, visando por sua vez, a qualidade de ensino, com a colaboração de todos os funcionários comprometidos e dedicados para melhorar o processo de ensino-aprendizagem, promovendo uma educação de qualidade.

Com isso é válido dizer que essa instituição tem boa índole para por em prática maior quantidade de projetos voltados a nosso tema. Esse trabalho realizado na Instituição de Ensino Infantil de Brasília-AC serviu para constatar que nas escolas de ensino infantil ainda não se trabalham com veemência a Educação Étnico-Racial.

Concluimos com a certeza de que a educação Étnico-Racial deve ser incentivada bem como melhor investida em todos os estabelecimentos e em todos os níveis de ensino, independentemente da faixa etária dos alunos, para que assim se efetive o reconhecimento da contribuição dos povos negros na sociedade brasileira, erradicando com o preconceito e discriminação pulsante nas veias de muitos brasileiros.

2.6 REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Brasil. *Constituição* (1988). Constituição da Republica federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.
- Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Das Relações Étnico-Raciais e Para o Ensino De História E Cultura Afro-Brasileira E Africana.
- Formação Continuada de Educadores Diretrizes em Ação: qualidade no dia a dia da educação infantil / Instituto Avisa Lá – Formação continuada de educadores; Ministério da Educação; Fundo das Nações Unidas para a Infância - UNICEF – São Paulo: Ed. Instituto Avisa Lá , 2015.
- Ministério da Educação. *Parâmetros Nacionais de Qualidade para a educação Infantil*. Secretaria de educação Básica. Vol. I Brasília, 2006.
- Ministério da Educação. Disponível em: < portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7161-2-9-artigo-mec..lea.../file> Acesso em 10 de jun. de 2018.
- Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL. Brasília, 2010.
- AMARAL, Arleandra Cristina Talin do. *Relações Étnico-raciais e Infância: Processos de Construção de Identidade na Educação Infantil*. In: ANAIS DO COPENE SUL, 2015. Resumos... Campinas, GALOÁ, 2018. Disponível em: <<https://proceedings.science/copene-sul/trabalhos/relacoes-etnico-raciais-e-infancia-processos-de-construcao-de-identidade-na-educacao-infantil>> Acesso em: 25 ago. 2018.
- COSTA, Cândida Soares da; OLIVEIRA, Iolanda de. *A população negra na história da educação brasileira*. Universidade Federal de Mato Grosso.
- CRUZ, Ana Cristina Juvenal da; RODRIGUES, Tatiane Cosentino; TEBET, Gabriela Guarnieri de Campos. *As concepções de raça e educação das relações étnico-raciais nas orientações curriculares para a educação infantil no Brasil*. UFSCar, 2013.
- GOMES, Nilma Lino. *Cultura Negra e Educação*. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Maio/Jun/Jul/Ago 2003.
- JR. Moysés Kuhlmann. *Histórias da educação infantil brasileira*. Revista Brasileira de educação. Fundação Carlos Chagas. São Paulo.
- LÉRY, Jean de. *Viagem à Terra do Brasil*, 1578. Transcrito da edição da Biblioteca do Exército Editora, 1961. p 152.
- MACIEL, Lizete Shizue Bomura; NETO, Alexandre Shigunov. *A Educação Brasileira no Período Pombalino: Uma Análise Histórica das Reformas Pombalinas do Ensino*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n.3, p. 465-476, set./dez. 2006.
- NASCIMENTO, Daniele Galvani do. *Construção identitário e a importância da educação das relações étnico-raciais na infância*. In: Geledes- instituto da mulher negra/ 06 de jun. 2016. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/contrucao-identitario-e-importancia-da-educacao-das-relacoes-etnico-raciais-na-infancia/>> Acesso: 02 de setembro de 2018.
- REYES, Claudia Raimundo; MONTEIRO, Hilda Maria. *Olhando e Observando*. Unidade 1.
- SANTOS, Sales Augusto dos. *Racismo, discriminação e preconceitos*. Salto para o futuro. 2011.
- SANTOS, Elândia dos; GEBERA, Tânia Aretuza Ambrizi; GONZAGA, Yone Maria. *Relações étnico-raciais, educação infantil e direitos humanos: Alguns apontamentos*.
- SANTOS, Sales Augusto dos. *Racismo, discriminação e preconceitos*. Salto para o futuro. 2011.

SOUSA, Maria de Fátima Guerra de. *Aprendizagem e Trabalho Pedagógico*. Aprendizagem, Desenvolvimento e Trabalho Pedagógico na Educação Infantil: Significados e Desafios da Qualidade. Pag. 95-127.

VENTURINI, Andressa. As relações étnico raciais na educação infantil. I Seminário Políticas Públicas e Ações Afirmativas. Universidade Federal de Santa Maria.

VILLAR, José. *Considerações históricas escritas pelo Professor José Villar para introduzir esta Unidade de Estudo*. Unidade 3. Universidade de Brasília, 2013

3. 3ª PARTE – PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Falar em educação envolve uma gama de assuntos e pensamentos, ainda mais quando se está ligado diretamente com esta área. Sabemos que giramos em torno da educação, que ela é à base de nossa estruturação como indivíduos ativos e cidadãos pensantes, sobretudo nos capacita para a vida em sociedade e, por conseguinte oferece a possibilidade de formação profissional em diversas outras áreas para assim se estabelecer financeiramente.

O que dizer, então, quando se faz parte do grupo que preparam e capacitam outras pessoas, ou seja, do grupo da educação?

Ora, pode-se dizer que criamos muitas expectativas profissionais no campo da educação. E o porquê disso tudo é simples: porque queremos fazer a diferença oferecendo o melhor na prestação do serviço.

Para o educador conta apenas saber se seu aluno atingiu a capacidade de evoluir de serie. Mas para o bom educador conta se seu aluno evoluiu de série levando consigo todos os ensinamentos transmitidos no decorrer do período que estiveram juntos. Conta principalmente o aprendizado, seja ele voltado para os conteúdos, seja ele voltado para boas maneiras comportamentais.

O profissional no campo da educação quer deixar sua marca registrada, quer mostra e fazer a diferença. E isso às vezes está no simples fato da apresentação de um projeto que visa unificar o grupo discente, bem como transmitir regras de valores que devem ser cultivados não apenas no ambiente escolar, mas sim levados para a vida inteira.

Enfim, nós, enquanto profissionais no campo da educação temos a perspectiva de futuro melhor através de nossas praticas pedagógicas, que possamos reconhecer as dificuldades, necessidades e os avanços também, e, sobretudo, que saibamos ser reconhecidos pelos esforços que fazemos sem medidas em prol de um bem comum.